

"O melhor escritor de suspense da atualidade." – KEN FOLLETT

# JOHN GRISHAM



## ACERTO DE CONTAS

*O que faz um homem bom se transformar num assassino?*



ACERTO  
DE CONTAS

JOHN  
GRISHAM



ACERTO  
DE CONTAS



Título original: *The Reckoning*

Copyright © 2018 por Belfry Holdings, Inc.

Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Bruno Fiuza e Roberta Clapp

*preparo de originais:* Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

*revisão:* Eduardo Carneiro e Rayana Faria

*diagramação:* Equatorium Design

*capa:* John Fontana

*adaptação de capa:* Ana Paula Daudt Brandão e Gustavo Cardozo

*imagem de capa:* Steve Robinson

*impressão e acabamento:* Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

G888a Grisham, John

Acerto de contas / John Grisham; tradução de Roberta Clapp, Bruno Fiuza. São Paulo: Arqueiro, 2019.  
448 p.; 16 x 23 cm.

Tradução de: *The reckoning*  
ISBN 978-85-306-0043-3

I. Ficção americana. I. Clapp, Roberta. II. Fiuza, Bruno.  
III. Título.

19-59890

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

PARTE  
UM



O ASSASSINATO

# 1

**E**m uma manhã fria no início de outubro de 1946, Pete Banning acordou antes do nascer do sol e nem pensou em voltar a dormir. Ficou deitado por um bom tempo, no meio da cama, olhando para o teto escuro, e se perguntou pela milésima vez se teria coragem. Por fim, quando o primeiro raio de sol atravessou a janela, ele aceitou a dura realidade de que tinha chegado a hora. Aquele ímpeto havia se tornado tão arrebatador que não conseguia dar conta de seus afazeres diários. Não poderia continuar sendo ele mesmo até que a tarefa fosse cumprida. Embora fosse um crime difícil de ser imaginado, o planejamento era simples. Os impactos perdurariam por décadas e mudariam a vida de pessoas que Pete amava e de muitas que não amava. A notoriedade de seu ato daria origem a uma lenda, embora definitivamente não fosse sua intenção se tornar famoso. Na verdade, como era de sua natureza, ele desejava evitar chamar atenção, mas isso não seria possível. Não havia escolha. A verdade fora revelada aos poucos e, assim que a compreendera por completo, aquela morte se tornou tão inevitável quanto o nascer do sol.

Vestiu-se devagar, como sempre, sentindo as pernas – lesionadas durante a guerra – inchadas e doloridas após a noite de sono, e cruzou a casa escura até a cozinha, onde acendeu uma luz fraca e passou o café. Enquanto esperava a bebida ficar pronta, de pé ao lado da mesa, cruzou as mãos atrás da cabeça e flexionou os joelhos devagar. Retorceu o rosto à medida que a dor irradiou dos quadris até os tornozelos, mas suportou o

agachamento por dez segundos. Relaxou, agachou mais uma, duas vezes, descendo sempre um pouco mais. Havia pinos metálicos em sua perna esquerda e estilhaços na direita.

Pete serviu o café, acrescentou leite e açúcar, foi até a varanda nos fundos da casa, parou no alto da escada e observou sua propriedade. O sol irrompia a leste e uma luz amarelada se projetava sobre aquela imensidão branca. Os campos estavam carregados de algodão e pareciam cobertos de neve, e em qualquer outro dia Pete teria se forçado a sorrir diante do que certamente seria uma colheita abundante. Mas não haveria sorrisos nesse dia; apenas lágrimas, e muitas. No entanto, não cometer aquele assassinato seria um ato de covardia – um conceito que desconhecia. Tomou um gole do café enquanto admirava a plantação e foi consolado pela segurança que ela trazia. Por baixo do manto branco havia uma camada de solo escuro e bastante rico, que pertencia aos Bannings havia mais de cem anos. As autoridades o levariam embora e provavelmente o executariam, mas a propriedade duraria para sempre e sustentaria sua família.

Mack, seu cão de caça, um bluetick coonhound, acordou de seu cochilo e se juntou a ele na varanda. Pete cumprimentou o cão e afagou sua cabeça.

O algodão estourava nos capulhos, implorando para ser colhido, momentos antes de grandes grupos de trabalhadores negros se amontoarem nas caçambas dos tratores para percorrer o longo trajeto até aquelas terras. Quando menino, Pete se juntava a eles nas caçambas e passava doze horas por dia enchendo sacos com algodão. Os Bannings eram fazendeiros e donos de terras, mas também arregaçavam as mangas para trabalhar quando necessário; não eram meros proprietários que levavam suas vidas medíocres à custa do suor alheio.

Tomou um gole do café e, quando o céu se iluminou, observou o tapete branco como neve se tornar ainda mais branco. De longe, dos fundos do estábulo e do galinheiro, vinham as vozes dos negros conforme se reuniam no galpão onde ficavam os tratores, para encarar mais um longo dia. Eram homens e mulheres que ele conhecia desde criança, trabalhadores miseráveis cujos ancestrais tinham lavrado aquelas mesmas terras durante um século. O que aconteceria com eles depois do assassinato? Para ser sincero, nada. Eles sobreviviam com pouco e não conheciam nada além daquilo. No dia seguinte, de maneira surpreendentemente silenciosa, todos se reuniriam ao mesmo tempo, no mesmo lugar, e cochichariam ao redor da fogueira, depois iriam

para os campos, sem dúvida preocupados, mas também ansiosos por dar conta do trabalho e receber o pagamento. A colheita continuaria, abundante e sem contratempos.

Pete terminou o café, colocou a xícara no parapeito da varanda e acendeu um cigarro. Pensou nos filhos. Joel era veterano na Universidade Vanderbilt e Stella estava no segundo ano em Hollins. Que bom que os dois estavam longe. Quase podia sentir o medo e a vergonha que teriam ao saberem da prisão do pai, mas estava confiante de que sobreviveriam, assim como os trabalhadores da fazenda. Eram inteligentes e centrados, e no fim das contas as terras sempre pertenceriam a eles. Concluiriam os estudos, arranjariam bons casamentos e seriam bem-sucedidos.

Enquanto fumava, pegou a xícara de café, voltou para a cozinha e foi até o telefone ligar para a irmã, Florry. Era uma quarta-feira, dia em que sempre se encontravam para tomar o café da manhã juntos, e ele confirmou que logo chegaria lá. Despejou o resto do café, acendeu outro cigarro e pegou o casaco que estava pendurado perto da porta. Mack e ele atravessaram o quintal por um caminho que levava ao jardim onde Nineva e Amos cultivavam uma grande quantidade de legumes e verduras para alimentar os Bannings e seus subordinados. Passou pelo estábulo e ouviu Amos conversando com as vacas enquanto se preparava para ordenhá-las. Pete lhe deu bom-dia e eles conversaram sobre um tal porco gordo que seria abatido no sábado seguinte.

Seguiu em frente, sem mancar, embora suas pernas doessem. No galpão dos tratores, os negros estavam reunidos em volta de uma fogueira, batendo papo e bebendo café em copos feitos de lata. Quando o viram, ficaram em silêncio. Vários disseram “Bom dia, seu Banning”, e Pete os cumprimentou. Os homens usavam macacões velhos e sujos; as mulheres, vestidos longos e chapéus de palha. Nenhum deles calçava sapatos. As crianças e os adolescentes estavam sentados perto de uma caçamba, encolhidos sob um cobertor, olhos sonolentos e semblante fechado, contrariados diante de mais um longo dia colhendo algodão.

Havia uma escola para negros na propriedade dos Bannings, tornada possível graças à generosidade de um judeu rico de Chicago e ao pai de Pete, que tinha investido uma quantia equivalente para vê-la construída. Os Bannings insistiam para que todas as crianças negras que viviam em sua propriedade estudassem pelo menos até os 13 ou 14 anos. Mas em outubro,

quando nada mais importava além da colheita, a escola ficava fechada e os alunos iam trabalhar nos campos.

Pete conversou discretamente com Buford, seu capataz branco. Falaram sobre o clima, quantas toneladas haviam sido colhidas no dia anterior, o preço do algodão na Bolsa de Memphis. Nunca havia mão de obra suficiente durante a alta temporada, e Buford estava à espera de um caminhão cheio de trabalhadores brancos vindos de Tupelo. Ele os tinha aguardado no dia anterior, mas não apareceram. Havia um boato de que um fazendeiro a uns 3 quilômetros de distância oferecia 10 centavos de dólar a mais por quilo, mas sempre se ouvia essa conversa no período das colheitas. Os brancos trabalhavam duro um dia, desapareciam no outro e depois voltavam, conforme os preços oscilavam. Os negros, no entanto, não tinham a vantagem de poder barganhar, e os Bannings eram conhecidos por pagar o mesmo para todos.

Após inúmeras tentativas, os dois tratores John Deere finalmente deram a partida e os trabalhadores se amontoaram nas caçambas. Pete os observou se afastarem sacolejando, até desaparecerem em meio ao tapete cor de neve.

Ele acendeu outro cigarro e, com Mack a seu lado, passou pelo galpão e chegou a uma estrada de terra. Florry morava a pouco mais de 1 quilômetro de distância, em sua parte da propriedade, e em dias como aquele Pete sempre ia até lá a pé. O exercício era extenuante, mas os médicos lhe haviam dito que longas caminhadas acabariam por fortalecer suas pernas e que um dia talvez a dor diminuísse. Ele duvidava disso e aceitara a realidade de que suas pernas iriam arder e doer pelo resto da vida, uma vida que, por sorte, ainda tinha. Certa vez havia sido dado como morto e, de fato, tinha chegado muito perto da morte, então cada dia a mais era uma dádiva.

Até aquele momento. Daquele dia em diante, sua vida nunca mais seria a mesma, e ele tinha aceitado isso. Não havia escolha.

FLORRY MORAVA EM um chalé cor-de-rosa construído depois que a mãe deles morrera e lhes deixara a propriedade. Florry era uma poetisa que não ligava nem um pouco para o cultivo da terra, mas tinha um grande interesse na renda que ela gerava. Sua parte da propriedade, de 260 hectares, era tão fértil quanto a de Pete. Florry a havia arrendado para o irmão por metade

dos lucros, em um acordo verbal – tão sólido quanto o mais detalhado dos contratos – pautado em confiança tácita.

Quando ele chegou, ela estava no quintal, dentro do viveiro feito de tela de arame, espalhando ração enquanto conversava com os papagaios, periquitos e tucanos. Ao lado do refúgio dos pássaros havia uma gaiola onde ela mantinha uma dúzia de galinhas. Seus dois golden retrievers estavam sentados na grama, observando a cena sem nenhum interesse por aqueles pássaros exóticos. A casa de Florry era repleta de gatos, criaturas com as quais nem Pete nem os cães se importavam.

Ele apontou para um canto na varanda da frente, mandou que Mack ficasse lá e entrou. Marietta estava ocupada na cozinha e a casa cheirava a bacon frito e bolinhos de milho. Deu-lhe bom-dia e sentou-se à mesa da cozinha. A mulher lhe serviu café e ele começou a ler o jornal matutino de Tupelo. Na antiga vitrola da sala de estar, uma soprano se lamentava em tristeza operística. Muitas vezes Pete se perguntava quem mais no condado de Ford ouviria ópera.

Quando terminou de cuidar dos pássaros, Florry entrou pelos fundos, cumprimentou o irmão e se sentou à frente dele. Não havia abraços nem demonstrações de afeto. Quem conhecia os Bannings os considerava pessoas frias e distantes, desprovidas de ternura e que raramente exteriorizavam suas emoções. Isso de fato acontecia, mas não era por mal; eles simplesmente tinham sido criados daquela maneira.

Florry tinha 48 anos e sobrevivera a um breve e malfadado casamento quando mais nova. Era uma das poucas mulheres divorciadas no condado e, portanto, desprezada pelos outros, como se de alguma forma sua reputação tivesse sido manchada ou como se talvez ela não fosse decente. Não que ela se importasse com isso; de fato não era o caso. Tinha poucos amigos e raramente saía de casa. Na sua ausência, eles frequentemente se referiam a ela como a Mulher dos Passarinhos – e não de forma carinhosa.

Marietta serviu-lhes fartas omeletes de tomate e espinafre, e bolinhos de milho besuntados de manteiga e repletos de bacon e geleia de morango. Com exceção do café, do açúcar e do sal, tudo na mesa era produzido na propriedade.

– Recebi uma carta de Stella ontem – disse Florry. – Parece que ela está indo bem, apesar das dificuldades que tem tido com matemática. Prefere literatura e história. Ela é tão parecida comigo.

Florry escrevia para os sobrinhos pelo menos duas vezes por semana, e esperava que eles lhe respondessem pelo menos uma vez por semana. Pete

não era muito de cartas, e tinha dito a eles para nem se darem ao trabalho de lhe escrever. No entanto, escrever para a tia era uma exigência da qual os dois não podiam escapar.

– Não tenho tido notícias de Joel – comentou ela.

– Deve estar ocupado – disse Pete, virando a página do jornal. – Ele ainda está saindo com aquela garota?

– Acredito que sim. Ele é muito novo pra namorar, Pete. Você deveria ter uma conversa com ele.

– Ele não vai me ouvir. – Pete deu uma garfada na omelete. – Só quero que ele termine logo essa faculdade. Estou cansado de gastar dinheiro com isso.

– Acredito que a colheita esteja indo bem – comentou Florry.

Ela mal havia tocado na comida.

– Poderia estar melhor, e o preço caiu de novo ontem. Tem algodão demais esse ano.

– O preço sobe e desce, né? Quando está alto, não tem algodão suficiente, e quando está baixo, tem algodão demais. Azar na fartura, azar na penúria.

– Pois é.

Pete até pensou em avisar a irmã sobre o que estava por vir, mas ela reagiria mal, imploraria a ele que não fizesse aquilo, ficaria furiosa e os dois acabariam brigando, algo que havia anos não acontecia. O assassinato mudaria drasticamente a vida dela e, por um lado, ele sentia pena e também a obrigação de lhe dar uma explicação. Por outro, no entanto, sabia que aquilo não tinha como ser explicado e que não adiantaria nada tentar.

Era difícil aceitar que aquela poderia ser a última refeição que fariam juntos, mas, naquela manhã, a maior parte das coisas estava sendo feita pela última vez.

Foram obrigados a falar sobre o tempo, o que durou alguns minutos. De acordo com o almanaque, as duas semanas seguintes seriam frias e secas, perfeitas para a colheita. Pete apresentou as mesmas preocupações a respeito da falta de trabalhadores, e ela lembrou a ele que essa queixa era comum naquela época do ano. De fato, na semana anterior, durante o café da manhã, ele também havia reclamado da escassez de mão de obra temporária.

Pete não era do tipo que se estendia nas refeições, muito menos em um dia ruim como aquele. Passara fome durante a guerra e sabia de quão pouco uma pessoa precisava para sobreviver. Ter um corpo magro não sobrecarregava suas pernas. Comeu um pedaço de bacon, tomou um gole de café,

virou outra página do jornal e ficou ouvindo Florry falar sobre uma prima que tinha acabado de morrer aos 90 anos, cedo demais, na opinião dela. O assunto morte não saía da cabeça de Pete, e ele se perguntou o que o jornal de Tupelo diria a seu respeito nos dias que estavam por vir. Haveria histórias, talvez muitas, mas ele não tinha interesse em chamar atenção. No entanto, isso era inevitável, e ele receava o sensacionalismo.

- Você não comeu nada – disse ela. – E parece um pouco magro.
- Estou sem fome.
- Tem fumado muito?
- Sempre que tenho vontade.

Pete tinha 43 anos, mas, pelo menos na opinião dela, parecia mais velho. Os fios de cabelo, grossos e escuros, estavam ficando grisalhos acima das orelhas, e longas rugas começavam a se formar na testa. O jovem soldado impetuoso que tinha ido para a guerra estava envelhecendo rápido demais. Seus fardos e lembranças eram pesados, mas ele os guardava para si. Os horrores aos quais sobrevivera jamais seriam recontados, pelo menos não por ele.

Uma vez por mês, obrigava-se a perguntar sobre os escritos da irmã, suas poesias. Na última década, alguns poemas tinham sido publicados em revistas literárias sem muito prestígio, mas não com muita frequência. Apesar de não ser bem-sucedida, não havia nada que ela amasse mais do que entediar o irmão, os sobrinhos e seu pequeno círculo de amigos com os mais recentes desdobramentos de sua carreira. Podia tagarelar por horas a fio sobre seus “projetos”, ou a respeito de determinados editores que adoravam suas poesias mas simplesmente não conseguiam encontrar um espaço para elas, ou sobre cartas que recebia de fãs do mundo inteiro. Seus seguidores não estavam por toda parte, e Pete suspeitava de que a carta enviada por alguma alma perdida na Nova Zelândia, três anos antes, ainda era a única a ter chegado com um selo estrangeiro.

Ele não gostava de poesia, e depois de ter sido forçado a ler os poemas da irmã tinha desistido de vez. Preferia ficção, principalmente dos escritores do Sul, em especial William Faulkner, um homem que conhecera antes da guerra em um coquetel em Oxford.

Aquela manhã não era o momento de falar sobre isso. Estava diante de uma tarefa desagradável, um ato monstruoso, que não poderia ser evitado ou adiado por mais tempo.

Afastou o prato com a comida pela metade e terminou o café.

– É sempre um prazer – disse, com um sorriso, enquanto se levantava.

Agradeceu a Marietta, vestiu o casaco e deixou o chalé. Mack o aguardava na escada da frente. Da varanda, Florry se despediu enquanto ele se afastava e acenava sem olhar para trás.

De volta à estrada de terra, Pete apertou o passo e se livrou da rigidez nos músculos causada por ter ficado meia hora sentado. O sol estava alto e já secava o orvalho, e por todo lado os grossos capulhos envergavam os galhos e imploravam para serem colhidos. Ele seguiu em frente, um homem solitário cujos dias de liberdade estavam contados.

NINEVA ESTAVA NA cozinha, diante do fogão a gás, cozinhando os últimos tomates a serem enlatados. Pete lhe deu bom-dia, serviu-se de café fresco e foi para o escritório, onde se sentou à escrivaninha e organizou a papelada. Todas as contas estavam pagas. Não havia nada pendente, tudo estava em ordem. Os extratos chegavam e havia dinheiro suficiente à disposição. Escreveu uma carta de uma página para a esposa, pôs em um envelope com selo e endereço. Colocou um talão de cheques e alguns documentos em uma maleta e deixou-a ao lado da escrivaninha. De uma das últimas gavetas, retirou o revólver Colt 45, se certificou de que todas as seis câmaras do tambor estavam carregadas e enfiou a arma no bolso do casaco.

Às oito horas, avisou a Nineva que estava indo à cidade e perguntou se ela precisava de alguma coisa. Ela respondeu que não, e Pete saiu pela varanda da frente, Mack atrás dele. Abriu a porta de sua caminhonete Ford modelo 1946, e Mack pulou para o banco do carona. Mack raramente perdia um passeio até a cidade, e hoje não seria diferente, pelo menos não para o cão.

A residência dos Bannings, uma suntuosa casa de arquitetura neocolonial construída pelos pais de Pete antes da Crise de 1929, ficava na Autoestrada 18, ao sul de Clanton. A estrada principal do condado tinha sido pavimentada no ano anterior com recursos federais do pós-guerra. Os moradores acreditavam que Pete havia se aproveitado de sua influência para garantir o financiamento, mas isso não era verdade.

O centro de Clanton ficava a pouco mais de 6 quilômetros da propriedade dos Bannings e Pete dirigia devagar, como sempre. Não havia trânsito, a não ser por uma ou outra carroça puxada por uma mula, carregada de algodão, com destino aos descaroadores. Alguns dos maiores fazendeiros do condado,

como Pete, tinham tratores, mas a maior parte do transporte ainda era feita por mulas, assim como a aragem e o plantio. Toda a colheita era executada manualmente. As empresas John Deere e International Harvester estavam tentando aperfeiçoar colheitadeiras mecanizadas que um dia supostamente acabariam com a necessidade de tanto trabalho manual, mas Pete tinha lá suas dúvidas a esse respeito. Não que isso importasse. Nada importava além da tarefa que estava prestes a realizar.

O algodão que voava das carroças cobria os acostamentos da estrada. Dois garotos negros de expressão sonolenta vagavam por uma estradinha no meio do campo e acenaram para ele enquanto admiravam sua caminhonete, um dos dois novos veículos Ford no condado. Pete não retribuiu o aceno. Acendeu um cigarro e disse alguma coisa para Mack ao entrarem na cidade.

Próximo à praça em frente ao tribunal de justiça, estacionou em frente aos correios e observou o fluxo de pedestres. Queria evitar as pessoas que conhecia, ou aquelas que pudessem conhecê-lo, porque, depois do crime, qualquer testemunha estaria apta a oferecer informações banais como “Eu o vi e ele parecia completamente normal”, enquanto outra poderia dizer “Esbarrei com Pete nos correios e ele tinha um olhar perturbado”. Depois de uma tragédia, pessoas que têm a mínima ligação com o ocorrido são as que exageram seu envolvimento e sua importância no caso.

Pete foi até a caixa de correio e depositou o envelope com a carta para a esposa. Ao partir em sua caminhonete, passou pelo tribunal, com seus gramados e gazebos largos e arborizados, e teve uma vaga ideia do espetáculo que seu julgamento poderia ser. Será que ele estaria algemado ao ser conduzido? O júri demonstraria compaixão? Será que seus advogados fariam alguma mágica e o salvariam? Muitas perguntas sem resposta. Passou pela Tea Shoppe, onde advogados e banqueiros falavam sem parar todas as manhãs, regados a café escaldante e biscoitos amanteigados, e se perguntou o que diriam sobre o crime. Ele não frequentava o local porque era agricultor e não tinha tempo para conversa fiada.

Podiam falar à vontade. Não esperava que eles, ou qualquer outra pessoa do condado, demonstrassem alguma compaixão. Não se importava com isso, não buscava ser compreendido, não planejava dar nenhuma explicação sobre seus atos. Naquele momento, ele era um soldado que tinha ordens e uma missão a cumprir.

Estacionou em uma rua tranquila, um quarteirão atrás da igreja metodista. Saiu da caminhonete, alongou as pernas por um instante, fechou o casaco, disse a Mack que voltaria logo e se encaminhou rumo à igreja que o avô ajudara a construir setenta anos antes. Foi uma caminhada curta, e não viu ninguém ao longo do caminho. Mais tarde, ninguém alegaria tê-lo visto.

TRÊS MESES ANTES de Pearl Harbor, o reverendo Dexter Bell já pregava na Igreja Metodista de Clanton. Era sua terceira igreja e ele teria sido remanejado para outras, como ocorre com todos os pastores metodistas, mas antes que isso acontecesse veio a guerra. As baixas nas fileiras levaram à convocação de muitos para o serviço militar, afetando os cronogramas das igrejas. Normalmente, nas congregações metodistas, um pastor permanecia apenas dois anos em uma igreja, às vezes três, antes de ser realocado. O reverendo Bell estava em Clanton havia cinco anos e sabia que era apenas uma questão de tempo até ser convocado a seguir para outro lugar. Infelizmente, a convocação demorou a chegar.

Ele estava sentado diante de uma escrivaninha em sua sala, em um anexo atrás da bela construção, sozinho como de costume em uma manhã de quarta-feira. O secretário da igreja trabalhava apenas três tardes por semana. O reverendo havia terminado suas orações matinais, tinha a Bíblia de estudo aberta à sua frente junto com dois livros para consulta e contemplava seu próximo sermão quando alguém bateu à porta. Antes que pudesse responder, a porta se abriu e Pete Banning entrou, com a expressão fechada e decidida.

– Bom dia para você também, Pete – disse Bell, surpreso com aquela intromissão.

Ele estava prestes a se levantar quando Pete sacou um revólver de cano longo.

– Você sabe por que estou aqui.

Bell ficou paralisado, encarando a arma, apavorado.

– O que está fazendo, Pete? – perguntou com dificuldade.

– Eu matei muitos homens, reverendo, todos soldados corajosos no campo de batalha. Você vai ser o primeiro covarde.

– Não, Pete, não faça isso! – implorou Dexter, levantando as mãos e se recostando na cadeira, os olhos arregalados e a boca aberta. – Se isso tem a ver com a Liza, eu posso explicar. Não, Pete!

Pete deu mais um passo adiante, apontou para Dexter e apertou o gatilho. Tinha sido treinado para atirar com qualquer arma de fogo, as usara em combate para matar mais homens do que gostaria de lembrar e passara a vida na floresta caçando animais, grandes e pequenos. O primeiro tiro atingiu o coração de Dexter, assim como o segundo. O terceiro atravessou o crânio, logo acima do nariz.

Entre as paredes do pequeno escritório, os tiros ressoaram como balas de canhão, mas foram ouvidos por somente duas pessoas. A esposa de Dexter, Jackie, estava do outro lado do terreno da igreja, sozinha em casa limpando a cozinha, quando ouviu o barulho. Mais tarde, ela o descreveu como os sons abafados de alguém batendo palmas três vezes e disse que, na ocasião, não fazia ideia de que se tratasse de tiros. Jamais poderia imaginar que o marido tinha acabado de ser assassinado.

Hop Purdue limpava a igreja havia vinte anos. Estava no anexo quando ouviu os tiros, que deram a impressão de ter sacudido o prédio. Estava em pé no corredor do lado de fora do escritório do pastor quando a porta se abriu e Pete saiu, ainda segurando o revólver. Ele levantou a arma, apontou-a para Hop e pareceu pronto para atirar. Hop caiu de joelhos.

- Por favor, seu Banning. Eu não fiz nada. Eu tenho filhos, seu Banning. Pete baixou a arma.
- Você é um bom homem, Hop. Vá avisar o xerife.

## CONHEÇA OS LIVROS DE JOHN GRISHAM

Justiça a qualquer preço

O homem inocente

A firma

Acerto de contas

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

